

MÁTRIA XXI

10

REVISTA DO CENTRO DE INVESTIGAÇÃO
PROF. DOUTOR JOAQUIM VERÍSSIMO SERRÃO

2021

Campum consacrerunt

José d'Encarnação¹

Resumo

Na tentativa de melhor se enquadrar, do ponto de vista histórico, a referência à consagração de um *campus* no reinado do imperador Trajano, patente na inscrição de um altar identificado em Meimoa (Penamacor), procura delinear-se, neste ensaio, o significado da palavra *campus* e encontrar testemunhos do seu uso quer em textos clássicos, quer, de modo especial, em textos epigráficos.

Concluiu-se que se trata, na verdade, de um caso único na epigrafia até ao momento conhecida no Império Romano, por consubstanciar uma consagração do *campus* pela saúde imperial, o que lhe confere incontestável importância documental.

Palavras-chave: Penamacor, Trajano, *campus*, *consecratio*.

¹ Professor catedrático aposentado da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, na área de História Antiga e Arqueologia. Membro do Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património. Membro do Centro de Investigação Doutor Joaquim Veríssimo Serrão; Académico de mérito da Academia Portuguesa da História; Académico correspondente da Real Academia de la Historia (Madrid) e da Academia das Ciências de Lisboa. Especializou-se em Epigrafia Latina, domínio em que a sua obra é reconhecida internacionalmente.
Página: http://www.ua.es/personal/juan.abascal/encarnacao_jose_de.html

Abstract

It's intention of this essay to demonstrate the unusual relevance of an Roman inscription from Meimoa (Penamacor, Lusitania). In fact, it is the single one where is mentioned a consecratio of a campus. Are remembered, by the way, not only the real significance of the word, but his occurrences in other Roman inscriptions.

Key-words: Penamacor, Traianus emperor, campus, consecratio.

Foi encontrada na década de 70 do século passado em Meimoa, concelho de Penamacor – território que, na época romana, poderia ter sido de fronteira entre os *conventus Scallabitanus* e o *Emeritensis* – uma ara cuja epígrafe cedo despertou a atenção. Está depositada na Casa-Museu Dr. Mário Pires Bento, em Meimoa. E foi precisamente Mário Pires Bento quem se apressou a dá-la a conhecer (1973, 1975 e 1978); será, contudo, Fernando Patrício Curado quem, num texto de 1979, mais pormenorizadamente analisará a epígrafe, tendo apresentado dela a seguinte leitura (p. 146):

PRO SALVTE / IMP(eratoris) · NERVAE / [T]RAIANI ·
CAES(aris) / [A]VG(usti) GERM(anici) · VIC⁵[A]NI VENIENSES /
CAMPVM CONSACRAVE/RVNT

A leitura proposta não oferece qualquer dúvida, na medida em que houve, da parte de Patrício Curado, o maior cuidado na descrição (p. 145) bem como na análise paleográfica (p. 146). A fotografia que o Dr. André Oliveirinha, técnico superior do Município de Penamacor, teve a gentileza de proporcionar e que se agradece (Fig. 1), mostra o estado actual da epígrafe, com maior desgaste ao nível do começo das linhas 4 a 6, confirmando-se que se grafou *consacraverunt* em vez do

(correcto) *consecraverunt* (aliás, num texto a que adiante se aludirá, a mesma troca do *e* pelo *a* se verifica).



Fig. 1 - Inscrição dos Venienses - redim.

A Patrício Curado interessou, de modo particular, o nome do povo, numa época em que, na verdade, despertara entusiasmo o apa-

recimento de inscrições com etnónimos ou referindo divindades dotadas de epítetos comumente interpretados como derivados de etnónimos ou de topónimos, e, por isso, os investigadores de bom grado se dedicavam a essa temática. Assim fez Patrício Curado, lendo *Venienses* e propondo que *Venia*, o aglomerado dos *vicani Venienses*, se tivesse localizado «na actual aldeia de Meimão, poucos quilómetros a nordeste de Meimoa, num recôndito vale cuja principal saída foi precisamente pela Meimoa, onde passava uma via romana que, de Penamacor (?), pelo Salgueiro se dirigia a Caria e a Belmonte», até porque «na aldeia de Meimão têm sido recuperados diversos testemunhos da ocupação em época romana» (pp. 147-148).

A palavra *campum* não terá suscitado, na altura, curiosidade de maior: os *Venienses* tinham consagrado um campo pela saúde do imperador Trajano e o importante era a menção desse novo povo até então desconhecido. Será, de resto, esse o aspecto que também se realçará em AE 1979 330.

O monumento foi integrado por José Manuel Garcia na sua revisão da epigrafia de 'tonalidade' votiva do «Portugal Romano» (RAP 496) e, também aí, essa ara tosca de granito, de 102 x 39 x 20 cm, apenas foi considerada por constituir, de certo modo, uma homenagem dos *Venienses* ao imperador.

Encontrar-se-á, porém, a referência à inscrição, devido a incluir o termo *campus* no rol de testemunhos traçado por Hubert Devijver e Frank Van Wonterghem (1994, p. 1048), quando, em comunicação apresentada ao X Colóquio *L'Africa romana*, se debruçaram sobre o papel do «campus» no quadro da organização urbana em *Africa* e na Sardenha. Não é feito aí qualquer comentário à epígrafe; e deve corrigir-se para 'Beira Baixa' a localização moderna referida e também a localização antiga, porque o sítio não pertencia ao *conventus Cluniensis*.

No quadro epigráfico da *Hispania*, apenas se conhece, de momento, mais um testemunho do uso da palavra *campus*, em Ampúrias: o edil e duúviro Lúcio Cecílio Mácer diligenciou no sentido de ali se fazer um campo e ele próprio acompanhou os trabalhos (IRC III 35).

Na inscrição de Baños de Sierra Elvira, guardada no Museu Provincial de Granada, que é uma dedicatória a Domiciano, Mauricio Pastor e Angela Mendoza (1987, nº 18, pp. 51-52, lám. XV), interpretaram o resto do texto que está na parte posterior do pedestal como [FIN]IS C(*ampo*) P(*ublico*), com a tradução possível de «limite final del território público» e é por esse motivo que a epígrafe é citada nos artigos sobre este tema (cf. Devijver e Van Wonterghem, nº 24, pp. 1047-1048); contudo, Mauricio Pastor e Angela Mendoza são peremptórios: «es mera conjetura, puesto que, en realidad no se puede saber con seguridad a que se refieren dichas letras». E acrescentam: «Probablemente se trata de un mojón indicativo de una propiedad estatal o campo público y de aquí dicha interpretación» (p. 52).

Consequentemente, ficar-se-á apenas com dois testemunhos peninsulares: o de Ampúrias, a que se voltará mais adiante, e o de Penamacor, que assume, também por isso, uma importância maior.

Tal escassez de ocorrências implica, por conseguinte, a necessidade de melhor se equacionar o significado histórico deste altar de Penamacor, esclarecendo o significado do vocábulo *campus* e verificando os contextos da sua ocorrência quer nos autores clássicos quer em monumentos epigráficos.

1. O significado do vocábulo *campus*

Em DA, s. v. «Campus Martius» (p. 865-867), explicita Edmond Saglio, que se designava *Campus Martius*, Campo de Marte, «não apenas em Roma, mas também nas cidades construídas segundo o modelo

de Roma, um terreno especial, consagrado ao deus Marte e afecto aos exercícios militares e às reuniões dos comícios». Esse Campo de Marte, acrescenta, chamava-se abreviadamente «o Campo» e constituía o lugar reservado às reuniões dos comícios, aos exercícios militares ou gímnicos e, de um modo geral, às assembleias e às cerimónias cuja realização só fora das muralhas citadinas era permitida por lei. «Quando, à compita, as cidades provinciais», informa Edmond Saglio mais adiante, «imitaram Roma, querendo ter cada uma, como a capital, os seus teatros, as suas termas, as suas basílicas, o seu capitólio, tiveram também elas o seu Campo de Marte».

Essa conclusão ganhou consistência entre os arqueólogos nomeadamente a partir do momento – esclarece ainda Edmond Saglio – em que Auguste Castan reconheceu, em Besançon (antiga *Vesontio*),

«nos restos de um edifício antigo – que se situava num lugar designado *Campus Martis* nas cartas latinas e a que ficara ligado o nome popular de Chamars – construções que correspondiam a todas as exigências de um lugar assim: espaço amplo para as reuniões populares, divisão em secções cujo número equivalia ao do número dos bairros de Besançon até à Revolução Francesa, lugares específicos para a contagem dos votos e para as operações de recrutamento e do censo».

Atendendo ao importante papel desempenhado pelo Campo de Marte no contexto dos cidadãos de Roma, sugere Auguste Castan – depois de ter miudamente analisado o que se encontrara nas escavações e comparando-o com o que se conhecia do Campo de Marte de Roma – que as cidades de província, adoptando os mesmos hábitos, deverão ter destinado a esse fim uma parcela do seu território:

«Provocar ou permitir o estabelecimento dum Campo de Marte nas cidades que se reconstruíam segundo o modelo de Roma, tal constituiu, portanto, da parte dos magistrados romanos, uma forma de entronizar no nosso solo os usos e costumes que estavam encarregados de propagar» – conclui (1870, p. 3).

2. O vocábulo *campus* em Cícero

Confirma-se o que Edmond Saglio indica: nos textos literários, a palavra *campus* alude ao Campo de Marte. Sirvam para o efeito, três passagens de Cícero. Assim, escreve em *Catilina*, 1, 10:

«Non enim iam inter latera nostra sica illa versabitur non in campo non in foro non in curia non denique intra domesticos parietes pertimescemus».

«De facto, esse punhal já não se encontrará entre nós, nem no campo, nem no foro, nem na cúria e nem mesmo entre as paredes domésticas há que o temer».

Veja-se que, numa tradução francesa desta passagem, se preferiu explicitar «Il ne nous poursuivra plus dans le Champ de Mars», justamente para melhor se compreender o significado da palavra ‘campo’.

Em *Pro P. Quintio oratio* (59, 6), diz Cícero de um personagem: «Vixit enim semper inculte atque horride natura tristi ac recondita fuit non ad solarium non in campo non in conviviis versatus est», ou seja, «não se encontra habitualmente no solário nem no campo nem em convívios».

No livro *De Orat.* (3, 167), opta o escritor por recordar o que determinadas palavras sugerem ao orador e que, por isso, amiúde se usa uma em vez doutra: «Cererem pro frugibus, Liberum appellare pro vino, Neptunum pro mari, curiam pro senatu, campum pro comitiis, togam pro pace, arma ac tela pro bello» – «Ceres em vez de colheitas, chama-se Líber e não vinho, Neptuno por mar, cúria em vez de senado, campo em vez de comícios, toga em vez de paz, armas e lanças em vez de guerra».

3. A presença da palavra *campus* nos textos epigráficos

Cientes do que Auguste Castan referiu, importa verificar com alguns exemplos se, na verdade, houve, da parte dos magistrados, aqui e além, essa preocupação em mandar preparar um ‘campo’.

Retome-se, a começar, o outro testemunho da Península Ibérica já referido: o fragmento direito de uma placa rectangular, de ardósia, com 52,5 x 67,3 x 2,9 cm, que está no Museu de Ampúrias (nº de inventário 1808), cidade donde proveio (HEpOL 15 782). Diz o seguinte:

[L(*ucius*)? · C]AECILIVS · L(*ucii*) · F(*ilius*) · GAL(*eria*) / [MA]CER
(*hedera*) AEDIL(*is*) (*hedera*?) IIVIR (*duumvir*) / [CA]MPVM · DE (*hedera*)
SVA · PECV(*nia*) / [FACIV]NDVM · COERAVIT / ⁵ [IDEMQ]VE (*hedera*)
PROBAVIT

A confirmação, portanto, do que Auguste Castan observara: um magistrado municipal, o edil e duúnviro Lúcio Cecílio Mácer, diligenciou no sentido de, na sua cidade, se fazer um campo e ele próprio acompanhou os trabalhos.

Interessa, da bibliografia desta inscrição apontada quer em IRC III, 3, quer por Hubert Devijver e Frank van Wonterghem (nº 27, p. 1043), colher as reflexões que permitam ajuizar da importância do *campus*.

Em AE 1981 563, por exemplo, comenta-se o artigo de María José Pena (1981, p. 12): «*Campus* sem epíteto tem paralelos epigráficos. Designa aqui uma praça de *Emporiae*, que, desde há muito, se identificara como sendo o fórum, por estar rodeada de edifícios públicos de função indeterminada». A propósito da palavra *campus*, «praça utilizada, a maior parte das vezes, como terreno de desporto», remete para o artigo de Hubert Devijver e Frank van Wonterghem de 1981. E alude-se à inscrição AE 1981 281, achada em *Saepinum*, que documenta ter *Herennius Obellianus* mandado fazer a expensas suas – *sua pecunia fecit* – *campum piscinam porticum*; *Obellianus* «pertencia a uma antiga família de notáveis de *Saepinum*», «a combinação arquitectónica de *campus*, *piscina* e *porticus* é frequente»; o *campus* é «um terreno, por vezes, vedado, onde nomeadamente se exercitava a *iuventus* local».

Dos comentários inseridos em IRC III 35, recortamos para o que nos interessa:

- a) *Campum*, escreve-se, «é mencionado pela primeira vez na Península Ibérica».
- b) A inscrição – contrariamente à opinião, veiculada por alguns, de que poderia ser de época republicana – data do tempo de Augusto; afirmação que é reiterada em IRC V p. 85.
- c) «Tendo em conta o lugar de descoberta da inscrição, propôs-se que, de preferência à sua localização na palestra – bastante mais afastada – o *campus* podia estar situado no sector norte do fórum, que foi objecto de uma reestruturação precisamente no início da época augusta. É certo, porém, que também poderia tratar-se de um *campus* fora de muralhas, cuja construção se evocava no fórum, o que seria mais coerente com a habitual localização desse tipo de monumentos».

Sintetiza o editor de AE 1987, 734 o essencial do artigo de María José Pena (1986): a autora defende que o *campus* ampuritano deve ser identificado com a praça erradamente identificada como *macellum*, pelo que é aliciante classificá-lo como palestra, ainda que, naturalmente, haja outras hipóteses.

Recortem-se agora alguns dos 28 textos inseridos no citado rol de Devijver Hubert e Van Wonterghem de 1994:

1. De Sarmizegetusa, na Dácia, a inscrição CIL III 7983 dá conta de que o decurião da colónia, Marcus Iulius Iustus, ob hon(orem) pontif(icatus) campum cum suis aditibus clusit et statuas posuit.

Um magistrado, portanto, que, na sequência de ter sido escolhido como pontífice, diligenciou no sentido de as entradas para o *campus* estarem devidamente limpas e, não contente com isso, terá logrado que lá tivesse sido colocada uma estátua (sua, depreende-se...).

2. O seu nº 3 (p. 1039-1040) foi identificado em Nola e dá conta de que o quatuórviro *Caius Catus*, a expensas suas (*de sua pecunia*), aí procedeu aos seguintes melhoramentos: *campum publice aequandum curavit, maceriem et scholas et solarium semitam*, acrescentando que o fazia *Genio coloniae et colonorum honoris causa*, «para prestígio do Génio da colónia e dos colonos, a fim de que, para sempre, os viessem a usar em plenitude»: *quod perpetuo feliciter utantur*.

No fundo, o que ele pretendeu eternizar na pedra foi a sua acção benemérita de ter mandado aplanar o campo e ter facilitado o acesso às escolas e ao solário que aí se encontravam. Tudo, como se impunha, com uma intenção político-religiosa.

3. O nº 8 (p. 1043), também ele da península itálica, mais concretamente do *Forum Novum Sabinorum* (S. Maria in Vescovio), documenta, nos primórdios do século I, que *Publius Faianus Plebeius*, aquando do seu segundo duunvirado, fez canalizar água a partir do seu terreno para o município de *Forum Novum*, a expensas suas (*pecunia sua*), para abastecer também a piscina que estava no campo (*et in piscinam quae in campo est salientem*); ele próprio acompanhou esses trabalhos (*curavit idemque probavit*), porque era seu propósito evitar que a água faltasse, a fim de proporcionar aos seus concidadãos as maiores comodidades, nomeadamente no uso do balneário: *in id balneum ne carerent commodo municipales*.

4. A inscrição nº 11 (p. 1042), de *Cupra Maritima* (*Regio V, Italia*), datável de finais da República ou do principado de Augusto, conta que, por decreto dos decuriões, os duúviro *Publius Rupilius* e *Lucius*

Minicius foram encarregados de mandar fazer e acompanhar as obras do *campus* e da *maceries*. *Maceries* significa uma parede de vedação, que pode ser de pedra solta ou de barro ou terra amassada.

5. A inscrição nº 12 (p. 1042), também da *Regio V*, adianta um pormenor que não pode passar despercebido: é que os frequentadores do *campus* poderiam mesmo organizar-se no que hoje chamaríamos um clube. De facto, por intervenção do Senado – *ex conscriptorum decreto* – os duúnviros *Lucius Tettaienus Barcha* e *Lucius Fistanus* foram encarregados de superintender à preparação de um *iter in campum*, ou seja, o bom acesso ao campo; não foram eles, porém, que pagaram as despesas, mas sim os sócios do campo: *pecunia sociorum campi!*

6. O texto que, nesta lista de H. Devijver e Frank Van Wonterghem que estamos a seguir, detém o nº 16 (pp. 1044-1045), é de *Comum (Regio XI, Italia)* e traz um pormenor deveras curioso: o quatuórviro *Lucius Caecilius Cilo*, dotado do poder edilício, deixou em testamento aos munícipes de *Comum* 40 sestércios, cujo rendimento deveria ser aplicado anualmente para fornecer óleo, por ocasião das Neptunais, a todos os cidadãos de Como que então frequentassem o campo, as termas e os balneários: *testamento suo HS n. XXXX municipibus Comensibus legavit, ex quorum reditu quot annis per Neptunalia oleum in campo et in thermis et balineis omnibus quae sunt Comi populo praeberetur.*

Há, no final, um toque de ternura, num quase pedido de desculpa à mãe, explicando a razão da sua atitude e rogando-lhe que não chore: *Aetas properavit, faciendum fuit. Noli plangere, mater. Mater rogat quam primum ducatis se ad vos.* Que é como quem proclama: «Depressa a vida passou e foi preciso agir. Não chores, mãe! A mãe suplica que quanto antes a leveis para junto de vós». Porventura *Lucius Caecilius Cilo* morreu prematuramente – imagina-se! – e este rogo último justifica-se por a mãe presenciar o emotivo descerramento da lápide, pelo que

importava salvaguardá-la da natural tristeza da perda, ainda que pudesse sentir-se honrada com a benemerência filial.

7. A epígrafe passível de maior aproximação com a de Penamacor é a 21 (p. 1047), uma base de calcário de 1,04 m de comprimento e 54 cm de altura, achada em 1805, na antiga porta da cidade de Nantes (CIL XIII 3107), na *Gallia Lugudunensis*. Não está completa e também não está perfeita a versão que Devijver e Van Wonterghem apresentam:

*N(uminibus) Aug(usti) deo Vol[kano] porticum cum campo
consacratam [L.? Fl(avius?) Martin[us] M. Lucceius Cenialis vicani
Portensib(us) conces(serunt).*

A epígrafe tem sido alvo de discussão e de reanálise:

– em vez de *N(uminibus) Aug(usti)* preferre-se *Aug(ustorum)*, a exemplo do que acontece noutras epígrafes, CIL XIII 3106, por exemplo, também dedicada *Numinib(us) Augustor(um) Deo Volkano*;

– há a intervenção de dois personagens, cujos nomes não estão inteiramente fixados: Le Bohec (2011, p. 946) propôs *Lucius Martinus ...mus* e *Sextus Lucceius Genialis*; Maligorne, por seu turno (2007, AE 2007 972), referira-se ao primeiro como *L. Flavius Martinus*, sendo sua opinião que não terá partido dos dois a consagração do *porticus cum campo*, mas que essa consagração já fora feita anteriormente – *Martinus* e *Genialis* apenas se teriam limitado a fazer a sua concessão aos *vicani*.

Em nenhuma das inscrições inventariadas, à excepção da de Penamacor, há referência à consagração a uma entidade divina ligada aos imperadores. E é também esta, de Nantes, a outra única em que estão presentes *vicani*. Vejamos, por isso, o que mais há a dizer acerca desta última.

Yann Le Bohec (2006, pp. 231-234, AE 2006 829) traduz a epígrafe desta sorte: «[...] deixaram aos habitantes do burgo portuário um pórtico, que eles haviam consagrado com uma praça pública». Considera que o *campus* se situa, por definição, *extra urbem* e que, por consequência, o *vicus* se encontra no exterior da cidade.

Por seu turno, Yvan Maligorne (2007, pp. 55-59; AE 2007 972) é de opinião que o *porticum* pode englobar o *campus*, termo que, em seu entender, designa os espaços destinados aos exercícios militares e bem assim às actividades religiosas. Por esse motivo, opina que – à semelhança do que acontecia com o *campus Matris Deum* de Óstia – esse *campus* se deveria situar no espaço urbano e não no exterior; portanto, no que respeita à localização do *vicus Portensis*, este não estaria obrigatoriamente fora da cidade.

Tendo voltado ao assunto em 2011, Le Bohec admite que o *campus* possa ter tido uma função religiosa; quanto à localização do *vicus Portensis*, parece-lhe que se torna, de facto, difícil dirimir a questão entre o considerar burgo, bairro periférico ou bairro urbano.

A propósito dos santuários de Vulcano na Gália Narbonense, Marie-Thérèse Raepsaet-Charlier teve ocasião de se debruçar sobre esta inscrição e, após ter verificado que as dedicatórias de *campus stricto sensu* são civis e profanas, sem oferecimento explícito a uma divindade, salienta ser a inscrição de Nantes a única excepção, pelo que, em seu entender, «o *campus* poderia não ser um lugar de exercício mas a versão extensa da *area* no seio de um santuário que englobasse vários edifícios ou monumentos (2017-2018, p. 459).

4. Conclusão

A panorâmica que se acabou de traçar permite-nos compreender melhor o alcance da inscrição de Meimoa.

Em primeiro lugar, o seu carácter único por se tratar da **consagração** de um campo. Não o é a uma divindade imperial, mas pela saúde do imperador. Ou seja, ainda que de uma forma implícita, está subentendida a intenção de rogo às entidades divinas que necessariamente estariam a presidir à instalação do campo que lhes era consagrado.

Depois, pelo que se viu do relevante papel desempenhado pelo *campus* no panorama urbano e social das cidades, dadas as suas múltiplas funcionalidades, o facto de os *vicani Venienses* terem tomado essa iniciativa demonstra cabalmente quão singular deve ter sido o seu papel antes e durante o reinado de Trajano, imperador a que se deve a construção da vizinha ponte de Alcântara, facto que não é despidendo como demonstração do interesse imperial por essa área e, em sentido inverso, qual demonstração da fidelidade para com o imperador assim expressa por uma pequena comunidade de que, na realidade, mais nada se sabe.

O *campus* poderia ter sido, neste caso, apenas um espaço aplainado, tendo em vista tornar-se um centro de reunião da população, como atrás se verificou, para exercício físico ou de cidadania, para as grandes cerimónias religiosas...

Ocorrerá, pois, perguntar: ¿onde estão os vestígios arqueológicos dessas construções? ¿Esconder-se-ão sob os «diversos testemunhos da ocupação em época romana» recuperados na aldeia de Meimão, de que fala Patrício Curado? Também poderiam não ter sido construções «de pedra e cal», mas provisórias, de madeira, só para as festividades, embora, do ponto de vista geográfico, uma área plana se afigure primordial. Nesse sentido se poderão encaminhar futuras prospecções.

Um dado, todavia, carece de ser bem sublinhado: a existência de um *campus* constituía um factor de mui elevado prestígio para uma comunidade, neste caso, um *vicus* autónomo de qualquer outra estrutura urbana (ao contrário de que se viu em Nantes). Isso se depreende do que se transcreveu de Cícero, onde se põem em paralelo o foro, o campo e a cúria, ou quando, em relação à vida triste de um personagem, o mesmo escritor afirma: «non ad solarium non in campo non in conviviis versatus est». Desempenhava, pois, o *campus* um papel nada secundário na vida dum aglomerado populacional e esta epígrafe da Meimoa deve ser alcandorada ao alto lugar que mui justamente merece.

Era no bem pensado traçado urbanístico da cidade que o *campus* se incluía; aqui, requinte urbanístico não parece ter havido – do *campus* há, porém, mui adequada notícia!...

Bibliografia

AE = *L'Année Epigraphique*, Paris: Presses Universitaires de France. [Indica-se o ano e o nº da inscrição].

ALBERTOS, María Lourdes e BENTO, Mário Pires, "Testemunhos da ocupação romana na região de Meimoa", *Actas del XIV Congreso Nacional de Arqueología (Vitoria, 1975)*. Zaragoza, 1977, pp. 1197-1208.

BENTO, Mário Pires, "Estações arqueológicas romanas de Meimoa (Beira-Baixa)", *Estudos de Castelo Branco*, n. s. 3, 1978, pp. 80-88.

BENTO, Mário Pires, "Inscrições romanas de Meimoa (Beira Baixa)", *Actas del XIII Congreso Nacional de Arqueología (Huelva 1973)*, Zaragoza, 1975, pp. 951-956.

CASTAN, Auguste, «Le Champ-de-Mars de Vesontio», *Revue Archéologique*, n. s., XXI, 1870, pp. 1-18 e 94-104.

CIL = *Corpus Inscriptionum Latinarum*, Academia das Ciências de Berlim.

CURADO, Fernando Patrício, «Epigrafia das Beiras», *Conimbriga*, 18, 1979, pp. 138-148.

DA = DAREMBERG, Charles e SAGLIO, Edmond, *Dictionnaire des Antiquités Grecques et Romaines*, Graz, 1969-

de cités de l'ouest de la Gaule (à propos de quatre inscriptions de Nantes et Angers)», *Aremorica*, 1, 2007, pp. 55-71.

DEVIJVER, Hubert e VAN WONTERGHEM, Frank, «Il campus nell'impianto urbanistico delle città romane: testimonianze epigrafiche e resti archeologici», *Acta Archaeologica Lovaniensia*, 20, 1981, pp. 33-68.

DEVIJVER, Hubert e VAN WONTERGHEM, Frank, «The campus in the urban organization of Africa and Sardinia: two examples, Carthage and Carales», *L'Africa Romana*, 10**, Sassari: Università di Sassari, 1994, pp. 1035-1060.

HEpOL = versão *on line* de *Hispania Epigraphica*, revista editada pela Universidade Complutense de Madrid, acessível em <http://eda-bea.es/>

IRC = FABRE (Georges), MAYER (Marc) et RODÀ (Isabel), *Inscriptions Romaines de Catalogne (= IRC): III. Gerone*, Paris, 1991; V. *Suppléments aux Volumes I-IV et Instrumentum Inscriptum*, Paris, 2002.

LE BOHEC, Yann, «L'architecture à Nantes sous le Haut-Empire romain», in CHAMPEAUX (Jacqueline) e CHASSIGNET (Martine) [edit.], *Aere Perennius – Hommage à Hubert Zehnacker*, Paris : Presses de l'Université de Paris-Sorbonne, 2006, pp. 227-246.

LE BOHEC, Yann, «De Nantes à Munich et de l'archéologie à l'épigraphie – questions de méthodologie», *Latomus*, 70/4, 2011, pp. 945-954.

MALIGORNE, Yvan, «Sanctuaires et structures vicinales dans deux chefs-lieux

PASTOR, Mauricio e MENDOZA, Ángela, *Inscripciones Latinas de la Provincia de Granada*. Granada, Universidad de Granada, 1987.

PENA, María José, «Nota sobre el campus de Emporia(e)», *Estudios de la Antigüedad*, 3, 1986, pp. 149-154.

PENA, María José, *Epigrafía Ampuritana (1953-1980)*, Quaderns de Treball, 4, Barcelona, 1981.

RAEPSAET-CHARLIER, Marie-Thérèse, « Les sanctuaires de Vulcain en Gaule narbonnaise d'après le modèle romain (Narbonne, Die) », *Revue Archéologique de Narbonnaise*, 50-51, 2017-2018, pp. 453-466.

RAP = GARCIA, José Manuel, *Religiões antigas de Portugal. Aditamentos e observações às "Religiões da Lusitânia" de J. Leite de Vasconcelos. Fontes epigráficas*, Lisboa, 1991. [Indica-se o nº da inscrição no catálogo].